

Três anos nos separam dos dias em que a bola vai estar rolando no Mundial de 2014, o esperado megaevento do qual o Brasil será sede. Parece muito, mas é bem pouco para quem ainda pretende se qualificar. População se mostra preocupada com o que ainda precisa ser feito

1, 2, 3...

valeendo!

Foto: Rafael Ohana/CB/OA Press



De olho nas oportunidades que têm surgido, o empresário **Bruno Barreto** aposta em aulas de idiomas para empresas. E se tornou **coach** para ampliar os negócios

» MANOELA ALCANTARA

Daqui a exatamente três anos, o mundo estará acompanhando as emoções da Copa do Mundo no Brasil. Até lá, além de ver as obras prontas dentro do prazo, o país se prepara para que exista pessoal qualificado a atender os turistas. O maior número de empregos será para aqueles que dominam inglês ou espanhol e que têm qualificação nas áreas de hospedagem, serviço de alimentação, transporte, turismo e agentes de viagens. Mas falta muito para o país alcançar o quantitativo ideal de pessoas capacitadas para preencher todos os cargos que o evento vai gerar.

O importante é começar logo a correr atrás de qualificação para diferenciar o currículo e garantir os empregos abertos em decorrência da ocasião. Para os que desejam usufruir dos programas do governo, em âmbito nacional — que envolve as 12 cidades-sedes do evento —, o Ministério do Turismo pretende investir R\$ 440 milhões na capacitação de 306 mil profissionais até 2013. No Distrito Federal, as coisas ainda estão indefinidas. Sabe-se apenas que o Programa ProJovem Trabalhador deve ter uma verba de R\$ 11 milhões para capacitar 6 mil jovens com idade entre 18 e 29 anos e que outras ações, como o Qualificopa — que pode treinar 170 mil pessoas —, estão sendo pensadas para serem concretizadas no segundo semestre de 2011.

De acordo com o presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio-DF), Adelmir Santana, a população brasileira não teria condições de receber adequadamente os visitantes estrangeiros nas atuais condições. Ele acredita

que, para chegar ao nível ideal, seria preciso agilizar as ações. “É necessário analisar quais áreas oferecerão empregos e tentar não fazer preparações iguais, ou seja, não adianta o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) disponibilizar um curso e o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) oferecer outro igual para uma área que não terá demanda. Tem que definir prioridades”, ressalta.

Santana lembra que quem não está empregado e quer aproveitar as oportunidades da Copa precisa pagar por isso. Um subsídio do governo, nesse caso, mudaria bastante a realidade. “Aproximidade do evento assusta e, se for para fazer algo malfeito, é melhor comprar uma televisão de plasma para cada brasileiro do que realizar uma Copa para ficar malfaldado”, alerta. A solução, segundo Santana, começa com parcerias que deem assistência aos jovens carentes que desejam se especializar para o período. “Só o Senac tem 34 cursos técnicos, além dos institutos federais e de outros locais. O que falta é um incentivo, como o vale-transporte, uma bolsa, algo que dê condições aos interessados.”

Além de ouvir o presidente da Fecomércio, a reportagem do Correio conversou com outros agentes do segmento de qualificação, com parlamentares e com a população (veja opiniões ao lado). A deputada distrital Eliana Pedrosa acredita que uma boa solução é educar os jovens de 14 anos no turno contrário das aulas tradicionais, com parcerias e com a população (veja opiniões ao lado). A deputada distrital Eliana Pedrosa acredita que uma boa solução é educar os jovens de 14 anos no turno contrário das aulas tradicionais, com parcerias e com a população (veja opiniões ao lado). A deputada distrital Eliana Pedrosa acredita que uma boa solução é educar os jovens de 14 anos no turno contrário das aulas tradicionais, com parcerias e com a população (veja opiniões ao lado).



Montante que será investido em capacitação pelo Ministério do Turismo até 2013

Treinador

O coach é o treinador que ajuda o profissional a se adequar ao que é pedido pelo mercado de trabalho. Ele transmite capacidades ou técnicas que desenvolvem os conhecimentos dos clientes para satisfazer a necessidade deles e a dos empregadores. Consegue levantar ideias práticas e transformá-las em um plano de ações para concretizar sonhos em ambientes organizacionais.

sugestão é que os educadores formem essas pessoas por meio de cursos extras dentro das escolas”, declara.

Solução interna

O empresário Bruno Barreto, 23 anos, observou a demanda do mercado e já colocou as mãos na massa para mudar o cenário de profissionais sem o perfil adequado para a Copa.

Proprietário da Park Idiomas, ele já fornece cursos de inglês e espanhol para executivos e empresas que queiram capacitar seus funcionários no próprio ambiente de trabalho. Para ampliar os serviços oferecidos, Barreto também fez um curso para se tornar coach. “Além dos idiomas, quero capacitar as pessoas dentro das empresas, ensinando a elas competências gerenciais e comportamentais. Tudo que possibilite receber bem o turista”, analisa.

A inovação começará em agosto, quando Bruno pretende dobrar a equipe que já possui atualmente. “É muito mais cômodo para os funcionários de empresas públicas ou privadas ter o treinamento no local de trabalho. Com uma metodologia personalizada e eficaz, pretendo possibilitar que Brasília seja referência em atendimento na Copa”, almeja. Barreto é formado em administração de empresas e começou o curso de coaching em fevereiro deste ano. A formação lhe deu um certificado da Associação Brasileira de Coaching, o que possibilita a expansão do negócio com excelência.

Com uma ideia parecida, a gerente-geral do Hotel Mercure — Eixo Monumental, Adriana Pinto, 43 anos, preparou um curso com 11 módulos de capacitação, chamado Paixão em servir. Por meio de aulas presenciais, todos os colaboradores foram treinados para atender bem e solucionar problemas que possam surgir durante o megaevento esportivo de 2014. “O Ministério do Turismo tem proporcionado capacitações virtuais, quis expandir isso para cursos presenciais e já estou colhendo frutos muito positivos”, ressalta Adriana.

» O povo fala

Você acha que o Brasil está preparado para a Copa de 2014? O que você sugere para a qualificação dos trabalhadores do evento?

Wanklério Araújo, 36 anos, motoboy

“Não. As pessoas precisam estudar muito para dar conta. Só com formação em ensino médio não dá para atender a esse público. O inglês que oferecem para a gente é muito básico. Tem que ter um preparo específico e investimento das empresas nos funcionários”

Elaine Cortês, 35 anos, gerente comercial

“Não. A maioria das pessoas não fala outras línguas e não está qualificada para o atendimento. Acredito que, para ter um espaço garantido no mercado de trabalho, é preciso investir, fazer cursos, se qualificar, mesmo que a pessoa precise desembolsar dinheiro”

Wellington Carlos Amaral, 50 anos, motorista

“No momento, não. Os cursos tinham que ser mais baratos e ter mais vagas, principalmente os de línguas. Hoje, são muito caros. A gente tem família e, se tirar de um lado, falta do outro. Eu tenho interesse em falar inglês ou francês para atender bem as pessoas. Se tivesse algo de R\$ 100, eu faria. Sugiro convênios com o governo, com sindicatos”

Fabio Cunha Mattos, 32 anos, vendedor

“Não. Em um primeiro momento deveriam investir em línguas. Depois, em treinamentos sobre ética, comportamento, costumes. O governo deveria ser o primeiro a incentivar. Fazer um convênio com empresas privadas de capacitação, com a divisão de investimento de 50% para cada”

Fernando Rangel, 27 anos, gerente de varejo

“Sim. A gente tem estrutura, competência e vontade de promover grandes eventos. Faltam o comprometimento das empresas privadas e a fiscalização das públicas. Para dar certo, é só parar de lenga-lenga e agir. Sair do papel e colocar em prática projetos que estimulem a juventude brasileira a ter iniciativa e estudar”

João Batista, 40 anos, motorista

“Não. Principalmente na área do transporte. O brasileiro gosta muito de receber, mas precisa de qualificação para não ficar completamente perdido. Acho que iniciativas internas das organizações, em parceria com o governo, resolveriam grande parte do problema”